

JOHN BOYNE

FIQUE  
ONDE ESTÁ  
*e então*  
CORRA

Tradução:

HENRIQUE DE BREIA E SZOLNOKY

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by John Boyne  
Copyright da capa © 2013 by Oliver Jeffers  
Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Stay Where You Are and Then Leave

*Lettering*  
Aline Temoteo  
(inspirado no lettering de Oliver Jeffers)

*Preparação*  
Bárbara Prince

*Revisão*  
Carmen T. S. Costa  
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Boyne, John

Fique onde está e então corra / John Boyne ; tradução Henrique de Breia e Szolnok. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Stay Where You Are and Then Leave.  
ISBN 978-85-65765-40-4

1. Literatura juvenil I. Título.

14-03729

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Literatura juvenil : 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# 1

## ME DÊ ADEUS COM UM SORRISO

Todas as noites, antes de dormir, Alfie Summerfield tentava recordar como era a vida antes de a guerra começar. E a cada dia era mais e mais difícil ter uma lembrança clara.

A batalha tinha começado em 28 de julho de 1914. Outros talvez não guardassem a data com tanta facilidade, mas Alfie nunca esqueceria, pois era seu aniversário. Ele completou cinco anos naquele dia e seus pais fizeram uma festa, mas apenas algumas pessoas apareceram: vovó Summerfield, que ficou sentada no canto com um lenço, chorando e repetindo “Estamos perdidos, estamos todos perdidos” até a mãe de Alfie falar que, se ela não se controlasse, teria que ir embora; o velho Bill Hemperton, o vizinho australiano que tinha cerca de cem anos e fazia um truque com a dentadura, deslizando-a para dentro e para fora da boca só com a língua; a melhor amiga de Alfie, Kalena Janáček, que morava três casas para baixo, no número 6, e o pai dela, dono da loja de doces na esquina e dos sapatos mais lustrosos de Londres. Alfie convidou a maioria de seus amigos da rua Damley, mas naquela manhã as mães bateram uma a

uma à porta dos Summerfield e disseram que o filho não poderia ir.

— Não é um dia de festa, você não acha? — perguntou a sra. Smythe, do número 9. Ela era mãe de Henry Smythe, que sentava na frente de Alfie na escola e soltava pelo menos dez peidos nojentos por dia. — É melhor cancelar, querida.

— Não vou cancelar nada — disse a mãe de Alfie, Margie, jogando as mãos para o alto depois que a quinta mãe passou lá. — Acho que deveríamos fazer o máximo possível para nos divertir hoje, isso sim. E o que vou fazer com toda essa comida se ninguém aparecer?

Alfie a seguiu até a cozinha e olhou para a mesa, onde sanduíches de carne, ovos em conserva, língua temperada, gelatina de enguia e dobradinha estavam arrumados com cuidado em uma fileira, cobertos com panos de prato para continuar frescos.

— Eu posso comer — disse Alfie, que gostava de ajudar.

— Haha! — respondeu Margie. — Tenho certeza que pode. Você é um saco sem fundo, Alfie Summerfield. Não sei como cabe tanta coisa aí dentro. Não sei mesmo.

Naquele dia, quando o pai de Alfie, Georgie, voltou do trabalho na hora do almoço, tinha uma expressão preocupada no rosto. Ele não foi para o quintal se lavar, como costumava fazer, apesar do cheirinho de leite e de cavalo. Em vez disso, ficou na sala lendo o jornal, depois o dobrou ao meio e o escondeu sob uma das almofadas do sofá, então foi para a cozinha.

— Tudo bem, Margie? — ele perguntou, beijando de leve a bochecha da esposa.

— Tudo bem, Georgie.

— Tudo bem, Alfie? — ele disse, bagunçando os cabelos do menino.

— Tudo bem, pai.

— Feliz aniversário, filho. Quantos anos você tem agora? Vinte e sete?

— *Cinco* — respondeu Alfie, que não conseguia imaginar como seria ter vinte e sete e já se sentia bem crescido ao pensar que finalmente tinha cinco.

— Cinco. Certo — disse Georgie, coçando o queixo. — Mas parece que você já viveu muito mais tempo do que isso.

— Fora! Fora! Fora! — chiou Margie, sacudindo as mãos para mandar ambos de volta para a sala. A mãe de Alfie sempre dizia que nada a irritava mais do que os dois homens da sua vida no meio do caminho enquanto ela tentava cozinhar. Georgie e Alfie obedeceram e ficaram jogando sobe-desce na mesa perto da janela enquanto esperavam a festa começar.

— Pai — disse Alfie.

— Que foi, filho?

— Como estava o sr. Asquith hoje?

— Bem melhor.

— O veterinário deu uma olhada nele?

— Olhou, sim. O que quer que estivesse errado com ele parece ter passado.

O sr. Asquith era o cavalo de Georgie. Ou melhor, era o cavalo da leiteria, que puxava a carroça de Georgie todas as manhãs, quando ele distribuía o leite. Alfie lhe dera aquele nome no dia em que o cavalo foi entregue a Georgie, um ano antes. O menino ouvia o nome com tanta frequência no rá-

dio que, para ele, só podia pertencer a alguém muito importante. Portanto decidiu que era perfeito para um cavalo.

— Você fez carinho nele por mim, pai?

— Fiz, sim, filho — respondeu Georgie.

Alfie sorriu. Ele amava muito o sr. Asquith. Muito mesmo.

— Pai — disse Alfie, um momento depois.

— Que foi, filho?

— Posso ir trabalhar com você amanhã?

Georgie negou com a cabeça.

— Sinto muito, Alfie. Você ainda é muito novo para andar na carroça. É mais perigoso do que imagina.

— Mas você disse que eu poderia quando fosse mais velho.

— Quando você for mais velho, vai poder.

— Mas agora eu já *sou* mais velho — disse Alfie. — Posso ajudar os vizinhos quando vierem encher as garrafas de leite nos tanques da carroça.

— Eu perderia meu emprego, Alfie.

— Então posso fazer companhia para o sr. Asquith enquanto você enche as garrafas.

— Desculpe, filho — disse Georgie. — Mas você ainda não tem idade para isso.

Alfie suspirou. Não havia nada neste mundo que ele quisesse mais do que andar na carroça com o pai e ajudá-lo a distribuir o leite todas as manhãs, dando torrões de açúcar para o sr. Asquith nos intervalos, mesmo que isso significasse levantar de madrugada. A ideia de sair para a rua e ver a cidade quando todas as outras pessoas ainda estavam na cama deixava Alfie todo arrepiado. E o que poderia ser melhor do que ser o braço direito do pai? Ele tinha pergun-

tado pelo menos mil vezes se podia ir, mas a resposta era sempre a mesma: “Ainda não, Alfie, você é novo demais”.

— Você se lembra de quando tinha cinco anos? — perguntou Alfie.

— Lembro, filho. Foi o ano em que meu velho pai morreu. Um ano difícil.

— Como ele morreu?

— Lá nas minas.

Alfie pensou no assunto. Ele só conhecia uma pessoa que tinha morrido. A mãe de Kalena, a sra. Janáček, que teve tuberculose. Alfie sabia soletrar aquela palavra. *T-u-b-e-r-c-u-l-o-s-e*.

— E o que aconteceu depois? — ele perguntou.

— Quando?

— Quando seu pai morreu.

Georgie pensou por um momento e deu de ombros.

— Bom, nos mudamos para Londres — ele respondeu. — Sua vó Summerfield disse que não tinha sobrado mais nada para nós em Newcastle e que, se viéssemos para cá, poderíamos recomeçar. Ela disse também que eu seria o homem da casa. — Ele conseguiu um cinco e um seis nos dados, parou na casa azul 37 e escorregou para a casa 19. — Eu não dou sorte, mesmo.

— Você vai ficar acordado até mais tarde hoje, não vai? — perguntou Alfie, e seu pai concordou.

— Por você, eu vou. Como é seu aniversário, vou ficar acordado até as nove. Que tal?

Alfie sorriu. Georgie nunca se deitava depois das sete, porque precisava acordar muito cedo.

— Não presto para nada sem meu sono de beleza — ele dizia sempre, o que fazia Margie rir, e então ele se virava

para Alfie e continuava: — Sua mãe só aceitou se casar comigo por causa da minha aparência estonteante. Se eu não tiver uma boa noite de sono, vou ficar com olheiras inchadas e o rosto branco como um fantasma, e ela vai fugir com o carteiro.

— Eu fugi com o leiteiro, e veja só no que deu — era o que Margie sempre respondia, mas sem falar sério, pois em seguida eles se olhavam e sorriam, e às vezes ela bocejava e comentava que também queria dormir mais cedo, e pronto, lá iam os dois para a cama. Isso significava que Alfie também tinha que dormir e provava para ele que bocejos eram contagiosos.

Alfie tentou não dar muita importância à quantidade decepcionante de convidados que foram à sua festa de aniversário. Ele sabia que tinha alguma coisa acontecendo lá fora, no mundo real; alguma coisa sobre a qual os adultos conversavam, mas que parecia uma chatice e não despertava seu interesse. Conversavam sobre isso havia meses; os adultos não paravam de dizer que alguma coisa grande ia acontecer, que afetaria a todos. Às vezes, Georgie dizia a Margie que ia começar a qualquer momento e que eles precisavam estar prontos. Às vezes, quando ela ficava nervosa, ele dizia que Margie não precisava se preocupar com nada, que no fim tudo ficaria bem e que a Europa era civilizada demais para começar uma briga que ninguém tinha a menor chance de ganhar.

Quando a festa começou, todos tentaram se alegrar e fingir que era um dia como outro qualquer. Jogaram batata-quente, com todo mundo sentado em roda e passando uma batata quente de verdade à pessoa ao lado. O primeiro que derrubasse estava fora. (Kalena ganhou.) O velho Bill Hem-



perton organizou uma partida de lança-moeda na sala e Alfie acabou ficando três moedas mais rico. Vovó Summerfield deu um pregador de roupas para cada um e pôs uma garrafa de leite vazia no chão. Vencia quem conseguisse soltar o pregador de mais alto e acertá-lo dentro da garrafa. (Nesse jogo, Margie era muitíssimo melhor do que todos os outros convidados.) Mas logo os adultos pararam de brincar com as crianças e se juntaram no canto com uma expressão sombria no rosto. Alfie e Kalena ouviam a conversa e tentavam entender sobre o que eles falavam.

— É melhor você se alistar agora, antes que te convoquem — disse o velho Bill Hemperton. — Vai ser mais fácil para você no fim das contas, ouça o que estou dizendo.

— Fique quieto — retrucou vovó Summerfield, que morava na casa em frente à do velho Bill, no número 11. Eles nunca se entendiam, porque o velho Bill ligava o gramofone todas as manhãs, com as janelas abertas. Vovó Summerfield era uma senhora baixinha e gorducha que usava sempre uma rede nos cabelos e mantinha as mangas arregaçadas, como se estivesse prestes a ir trabalhar. — Georgie não vai se alistar coisa nenhuma.

— Talvez eu não tenha escolha, mãe — disse Georgie, sacudindo a cabeça.

— Xiu! Não na frente do Alfie — pediu Margie, segurando o marido pelo braço.

— Só estou dizendo que essa coisa toda pode se arrastar por anos e anos. Talvez eu tenha mais chances se for voluntário.

— Não, tudo vai ter acabado antes do Natal — respondeu o sr. Janáček, cujos sapatos de couro preto estavam tão

lustrosos que quase todos elogiaram. — É o que todo mundo está dizendo.

— Xiu! Não na frente do Alfie — repetiu Margie, agora levantando um pouco a voz.

— Estamos perdidos, estamos todos perdidos! — choramingou vovó Summerfield, pegando o enorme lenço do bolso e assoando o nariz com tanto barulho que Alfie caiu na risada. Mas Margie não achou tão engraçado; ela começou a chorar e correu para fora da sala, e Georgie foi atrás dela.

Mais de quatro anos tinham se passado desde então, mas Alfie ainda pensava naquele dia o tempo todo. Agora ele tinha nove anos, e não tivera nenhuma festa de aniversário desde aquela. Quando ia dormir à noite, esforçava-se tanto quanto podia para juntar o máximo de recordações sobre sua família antes das mudanças, pois, se lembrasse como costumavam ser, então haveria sempre a chance de, um dia, tudo voltar ao normal.

Georgie e Margie eram muito velhos quando se casaram — disso Alfie sabia. Seu pai tinha quase vinte e um e sua mãe era apenas um ano mais nova. Alfie achava difícil imaginar como seria ter vinte e um. Pensava que seria difícil escutar as coisas e que a vista ficaria um pouco enevoada. Ele achava que nessa idade a pessoa não conseguia se levantar da poltrona quebrada na frente da lareira sem gemer e dizer coisas como: “Bom, vocês vão me dar licença, porque já está na minha hora”. Ele imaginava que as coisas mais importantes do mundo seriam uma xícara de chá quentinho, um par de pantufas confortáveis e um casaco macio. Às vezes, quando pensava no assunto, sabia que al-

gum dia ele também teria vinte e um anos, mas esse futuro parecia tão distante que era até difícil imaginar. Alfie pegou um papel e uma caneta, escreveu os números e percebeu que só em 1930 teria essa idade. Em 1930! Ainda faltavam séculos. Bom, talvez não séculos, mas era assim que Alfie se sentia.

Seu aniversário de cinco anos era uma memória ao mesmo tempo feliz e triste. Feliz porque ele tinha ganhado bons presentes: uma caixa de giz de cera com dezoito cores e um caderno para desenhar de seus pais; um exemplar de segunda mão de *Robinson Crusóé* do sr. Janáček, que disse que provavelmente seria difícil para ele ler agora, mas que conseguiria algum dia; um saquinho de balas de limão de Kallena. E ele não se importou que alguns presentes fossem chatos: um par de meias da vovó Summerfield e um mapa da Austrália do velho Bill Hemperton, que disse que algum dia Alfie talvez quisesse visitar o país lá no sul e que, se esse dia chegasse, aquele mapa seria muito útil, com certeza.

— Está vendo aqui? — disse o velho Bill, apontando para um pontinho perto do topo do mapa, onde o verde das beiradas chegava no marrom do centro. — Foi daqui que eu vim. Mareeba, a cidadezinha mais esplêndida de toda a Austrália. Tem formigueiros do tamanho de casas. Se você algum dia for para lá, Alfie, diga a eles que é amigo do velho Bill Hemperton, e eles vão cuidar de você como se fosse um deles. Sou um herói por lá, por causa dos meus contatos.

— Que contatos? — ele perguntou, mas o velho Bill apenas deu uma piscadela e balançou a cabeça.

Alfie não soube o que pensar daquilo. Mesmo assim, nos dias que se seguiram, pendurou o mapa na parede do quarto, usou as meias que vovó Summerfield tinha dado,

gastou a maioria dos gizos coloridos e das folhas do caderno, tentou ler *Robinson Crusóe*, mas teve dificuldade (ele guardou na estante para tentar de novo quando fosse mais velho) e dividiu com Kalena as balas de limão.

Essas eram as memórias boas.

As memórias tristes existiam porque foi naquele momento que tudo mudou. Quando o sol nasceu, todos os homens da rua Damley se juntaram na calçada, com as mangas arregaçadas, puxando seus suspensórios enquanto falavam sobre “dever” e “responsabilidade”, dando pequenas tragadas no cigarro antes de beliscar a ponta e guardar a bituca no bolso do casaco para continuar depois. Georgie discutiu com seu amigo mais antigo e próximo, Joe Patience, que morava no número 16, sobre o que era certo ou errado em tudo aquilo. Joe e o pai de Alfie eram amigos desde que Georgie e vovó Summerfield tinham se mudado para a rua Damley — vovó Summerfield dizia que Joe tinha praticamente crescido na cozinha dela — e nunca tinham batido boca até então. Foi naquele dia que Charlie Slipton, o menino do número 21 que entregava jornal e certa vez jogou uma pedra na cabeça de Alfie sem nenhum motivo, subiu e desceu a rua seis vezes, com edições cada vez mais recentes do impresso, e conseguiu vender todas sem nem se esforçar. E aquele dia terminou com a mãe de Alfie na poltrona quebrada em frente à lareira, chorando como se o fim do mundo estivesse próximo.

— Deixe disso, Margie — disse Georgie, atrás dela, massageando seu pescoço. — Não tem nenhum motivo para chorar. Lembre-se do que todo mundo disse: tudo terá acabado antes do Natal. Vou voltar a tempo de ajudar a rechear o ganso.

— Você acredita nisso? — Margie respondeu, levantando o rosto para vê-lo, os olhos vermelhos por causa das lágrimas. — Você acredita no que eles dizem?

— O que mais podemos fazer, senão acreditar? — perguntou Georgie. — Temos que esperar pelo melhor.

— Prometa para mim, Georgie Summerfield — disse Margie. — Prometa que não vai se alistar.

Houve um longo silêncio antes que o pai de Alfie dissesse alguma coisa.

— Você ouviu o que o velho Bill disse, meu amor. Talvez seja melhor para mim a longo prazo se...

— E quanto a mim? E quanto a Alfie? Vai ser melhor para nós? Prometa, Georgie!

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Vamos esperar para ver o que acontece, sim? Talvez esses políticos acordem amanhã e mudem de ideia sobre a coisa toda. Talvez estejamos nos preocupando por nada.

Alfie não podia entre ouvir as conversas particulares dos pais — ele já tinha se metido em confusão por isso uma ou duas vezes no passado —, mas, naquela noite, quando fez cinco anos, ele ficou sentado na escada, onde sabia que não o veriam, e encarou os dedos dos pés enquanto escutava. Não pretendia ficar tanto tempo ali — ele tinha descido apenas para pegar um copo de água e um pouco da língua que tinha sobrado —, mas a conversa dos dois parecia tão séria que Alfie teve a sensação de que seria um erro voltar para cima sem ouvir. Ele deu um bocejo fundo e ressonante — afinal, tinha sido um dia longo, como os aniversários sempre são — e fechou os olhos por um momento, apoiando a cabeça no degrau atrás de si. Antes que percebesse, estava sonhando que alguém o levantava e carregava até

um lugar quente e confortável. Quando deu por si, Alfie se descobriu na própria cama, com a luz do sol atravessando a cortina fininha com flores amarelas que Alfie dizia serem de quarto de menina, e não de menino.

Quando Alfie desceu a escada na manhã seguinte à sua festa de cinco anos, encontrou a mãe vestida para lavar roupa, e com os cabelos amarrados no topo da cabeça. Ela feria água em todas as panelas no fogão e parecia tão infeliz quanto na noite anterior. Mas não era a infelicidade normal do dia de lavar roupa, que quase sempre ia das sete da manhã às sete da noite.

Margie levantou a cabeça quando o notou ali, mas por um instante pareceu não reconhecê-lo. Então, tudo o que fez foi abrir um sorriso desanimado.

— Alfie — ela disse. — Achei melhor deixar você dormir até mais tarde. Foi um dia agitado, ontem. Seja um bom menino e traga seus lençóis aqui para mim, está bem?

— Cadê o papai?

— Saiu.

— Para onde?

— Ah, não sei — ela respondeu, incapaz de encará-lo. — Você sabe que seu pai nunca me conta nada.

Alfie sabia que isso não era verdade, pois todas as tardes, quando seu pai voltava da leiteria, ele contava a Margie cada detalhezinho de seu dia, do começo ao fim. Eles ficavam sentados juntos, rindo enquanto ele contava que Bonzo Daly tinha deixado meia dúzia de latões de leite destampados no pátio e os pássaros chegaram e estragaram tudo. Ou que Petey Staples tinha sido rude com o chefe e fora

avisado de que, se continuasse a reclamar, poderia simplesmente procurar outro emprego, em que aturassem aquela conversa fiada. Ou que o sr. Asquith tinha feito o rei dos cocôs na frente da casa da sra. Fairfax, no número 4 — logo ela, descendente direta (conforme dizia) do último rei da dinastia Plantageneta, destinada a lugares melhores do que a rua Damley. Se tinha uma coisa que Alfie sabia sobre o pai era que ele contava *tudo* à esposa.

Uma hora depois, Alfie estava na sala desenhando no caderno novo enquanto Margie descansava um pouco do trabalho e vovó Summerfield, que tinha aparecido “para conversar” — mas que, na verdade, só queria dar seus lençóis para Margie lavar também —, segurava o jornal na frente do rosto e forçava a vista para ler, reclamando e reclamando porque faziam letrinhas tão pequenas.

— Não consigo ler, Margie — ela dizia. — Estão tentando deixar todo mundo cego? É isso que eles querem?

— Você acha que o papai vai me levar na carroça com ele amanhã? — Alfie perguntou.

— Você pediu a ele?

— Sim, mas ele disse que não posso até ficar mais velho.

— Então não — respondeu Margie.

— Mas amanhã vou ser mais velho do que era ontem — disse Alfie.

Antes que Margie pudesse responder, a porta se abriu e, para espanto de Alfie, um soldado entrou. Era alto e tinha um porte respeitável, com o mesmo tamanho e tipo físico de seu pai, mas parecia um tanto envergonhado ao olhar a sala. O menino não pôde deixar de se impressionar com o uniforme: uma jaqueta cáqui com cinco botões de latão na frente, faixas nos ombros, calças enfiadas em meias altas e

grandes botas pretas. Mas, Alfie se perguntou, por que um soldado entraria assim, sem mais nem menos, na casa deles? Ele não tinha nem batido na porta! Então o soldado tirou o chapéu e pôs debaixo do braço, e Alfie percebeu que aquele não era um soldado qualquer.

Era Georgie Summerfield.

Seu pai.

Nesse momento Margie derrubou o tricô no chão, levou as mãos à boca e ficou assim por um tempo, até deixar a sala e correr escada acima. Georgie se virou para o filho e para a mãe e deu de ombros.

— Eu precisava fazer isso — ele disse, enfim. — Você entende, mãe, não entende?

— Estamos perdidos — respondeu a vovó Summerfield. Ela deixou o jornal de lado, deu as costas para o filho e foi até a janela. Lá fora, outros homens entravam em casa usando uniformes iguais ao de Georgie. — Estamos todos perdidos.

E isso era tudo que Alfie se lembrava de quando fez cinco anos.